

O ETHOS NO DISCURSO RELIGIOSO: O ESTUDO DO ETHOS NA ANÁLISE DE UM SERMÃO

Antonio Carlos SOARES
Universidade Federal do Pará

RESUMO: O objetivo deste trabalho é o estudo do *ethos* no discurso religioso, mais especificamente no gênero sermão. Para tanto, a base teórica são os princípios postulados pela Análise do Discurso e, particularmente, por Dominique Maingueneau. A proposta é analisar o processo de projeção de imagens veiculadas por parte do pregador no sermão, relacioná-lo ao *ethos* prévio, que é a imagem que se tem do pregador no momento em que ele inicia o sermão, e à instituição a que o pregador é filiado, de modo a perceber como o *ethos* projetado durante o sermão articula-se com o discurso identificado e com o próprio conteúdo do sermão.

PALAVRAS-CHAVE: *Ethos*; discurso; discurso religioso; gênero.

ABSTRACT: The objective of this essay is the study of the *ethos* in the religious discourse, especially, in the genre sermon. In order to accomplish that, the theoretical basis are the principals from the Discourse Analysis and, particularly, from Dominique Maingueneau. The purpose is to analyze the image projection process of the preacher in the sermon, relate it to the previous *ethos*, which is the image that you have of the preacher at moment in which he initiates the sermon, and to the institution from which the preacher is, in order to perceive how the *ethos* projected during the sermon is articulated to the identified discourse and to the content of the sermon.

KEY WORDS: *Ethos*; discourse; religious discourse; genre.

1 INTRODUÇÃO

Com base principalmente nos pressupostos teóricos de Dominique Maingueneau, tem-se neste artigo o objetivo de analisar o processo de construção da imagem de si no discurso, ou seja, do *ethos*, em um sermão. Inicialmente, são apresentadas considerações sobre discurso, discurso religioso e gênero. Em seguida, faz-se uma apresentação da noção de *ethos*, começando por Aristóteles, passando pela noção do *ethos* nos estudos da linguagem até se chegar à concepção de *ethos* para a Análise do Discurso empreendida por Maingueneau.

Para a análise, foi selecionado o sermão *Introdução à Carta*, o primeiro de uma série de 50 sermões sobre o livro bíblico de Efésios, proferido pelo Reverendo presbiteriano Paulo B. R. Anglada, gravado em formato de CD, adaptado ao programa de computador *Real Player* e publicado pela Knox Publicações.

A primeira parte da análise consta de um breve histórico da corrente presbiteriana, corrente a que o pregador está ligado, e de informações acerca do pregador. Por meio dessas informações, procurou-se perceber a veiculação de imagens que engendram o *ethos* prévio do Reverendo. A segunda parte consta da análise do *ethos* no sermão por meio da depreensão das imagens nele veiculadas. Na parte final, objetivou-se relacionar as imagens veiculadas no sermão ao *ethos* prévio, à corrente discursiva e ao próprio conteúdo do sermão.

Os dados da pesquisa estão transcritos grafematicamente, de acordo com as orientações do projeto NURC (*Norma Urbana Lingüística Culta*), conforme sintetizado por Mussalim e Bentes (2001, p.76).

2 DEFINIÇÃO DE DISCURSO, DISCURSO RELIGIOSO E GÊNERO

Maingueneau (2005a), retomando Bakhtin, afirma que um discurso está sempre respondendo a outro, portanto, é dialógico, apesar de não conter as marcas evidentes do outro. Por isso, defende o primado do interdiscurso, em que o Mesmo de um discurso, ou seja, o que um dado discurso é, constitui-se a partir da relação com o 'Outro' do discurso, isto é, o que um dado discurso rejeita.

O autor propõe um afastamento da noção de discurso que se revela por noções como "procedimento" ou "estratégia". Assevera que o discurso é um acontecimento inscrito em uma configuração sócio-histórica e que não se pode dissociar a organização de seus conteúdos do modo de legitimação de sua cena discursiva. Para Maingueneau (2005a), o discurso é regido, em todos os seus planos, por um sistema de restrições semânticas. Cada sistema de restrições se articula, em última instância, com base em um primitivo semântico único, o qual é recuperável em todos os pontos e sobre todos os planos do discurso.

Outro conceito relevante para esta pesquisa é o de discurso religioso, caracterizado como um discurso constituinte,

um conjunto de discursos que servem de alguma forma como fiadores de outros discursos e que, não tendo eles mesmos discursos que os validem, devem gerir em sua enunciação seu estatuto, de alguma maneira "auto-fundado" (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 126).

A grande marca dos discursos constituintes é a sua auto-constituição. Eles são os discursos que não são fundados por outros, antes, fundam-se e fundam diversos outros, tornam-se fiadores de vários gêneros do discurso e dão sentido aos atos da coletividade, além de conferir a seus enunciados um caráter de inscrição. Conseqüentemente, é pelo modo de inscrição que os enunciados do discurso religioso obtêm o caráter de verdade.

Para Orlandi (2006), o discurso religioso é caracterizado como aquele em que fala a voz de Deus, havendo, portanto, um desnivelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte: o locutor é do plano espiritual (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os sujeitos, os homens). O discurso religioso é, então, assimétrico, o que caracteriza a tendência para a não reversibilidade: os homens não podem ocupar o lugar de locutor, porque esse é o lugar de Deus. Ainda, segundo a autora, o representante (padre, pregador) se apropria da voz de Deus, sempre em um procedimento regulado pelo texto sagrado, pela igreja e pelas cerimônias.

Também essencial ao estudo do *ethos* é a compreensão da noção de gêneros do discurso. Os gêneros são, conforme Bakhtin (2003), "tipos relativamente estáveis de enunciados" (BAKHTIN, 2003, p. 262). Maingueneau (1989), que em suas obras retoma Bakhtin, considera que, à semelhança de qualquer outro ato de fala, o gênero implica condições de ordem comunicacional e estatutária. A primeira, diz respeito às formas e espaços de transmissão, os quais incidem sobre o seu modo de existência. "A cada gênero associam-se momentos e lugares de enunciação específicos e um ritual apropriado" (MAINGUENEAU, 1989, p. 36). A segunda, diz respeito ao estatuto do enunciador e do destinatário. O gênero legitima o lugar de ambos na enunciação. É propriamente o que ocorre com o gênero sermão, em que são bem definidos o lugar do pregador, a quem cumpre proferir o sermão, e o do auditório, a quem cabe ouvir.

3 O CAMINHO DO *ETHOS*

3.1 A CONCEPÇÃO RETÓRICA DE *ETHOS*

A idéia de *ethos* remonta à retórica aristotélica, fazendo parte da tríade de provas do discurso com o *logos* (ligado ao raciocínio) e o *pathos* (conjunto de emoções que o orador tenta suscitar em seu auditório). Para Eggs (2005), o *ethos* é a mais importante das provas

porque em si condensa essas três dimensões do ser. Desse modo, os antigos concebiam o *ethos* como a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório.

Percebe-se que a concepção primeira de *ethos* é a de um instrumento ou estratégia discursiva empregada para convencer. Barthes (apud AMOSSY 2005), retomando as idéias aristotélicas, define o *ethos* como “os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: é seu jeito [...]. O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: sou isto, não sou aquilo” (BARTHES apud AMOSSY 2005, p. 10).

Monnerat (2003) afirma que Aristóteles apresenta três formas principais de manifestação do *ethos*. A *Phronesis* - o *ethos* da ponderação, sabedoria e racionalidade; o *ethos* do tipo *Areté*, a ostentação da uma franqueza que não teme as suas conseqüências; e, finalmente, o *ethos* da *Eunóia*, que trata de não chocar, não provocar, ser simpático, entrar em cumplicidade complacente com o auditório. É a partir desse conjunto que o orador adquire sua autoridade pessoal.

3.2 A NOÇÃO DE ETHOS NOS ESTUDOS ETNOGRÁFICOS E NA PRAGMÁTICA

O propósito neste tópico é mostrar que o *ethos* vem atravessando os estudos da linguagem com nomes e ênfases diferentes.

O *ethos* mobiliza, entre outras exigências, o foco na enunciação. É centrado nesse foco que Benveniste (1995) traça uma refinada relação entre o locutor e seu parceiro (ao que chama de quadro figurativo), sem os quais não há enunciação e a subjetividade da linguagem. Afirma que é

Na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego” (BENVENISTE, 1989, p. 287).

Ao mostrar que o “locutor se apropria do aparelho formal da língua e anuncia a sua posição de locutor por meio de índices específicos” (BENVENISTE, 1989, p.84), Benveniste aponta para a premissa de que é só na enunciação que o sujeito é capaz de projetar imagens de si. Há, portanto, um correlato do *ethos* constituído puramente no e pelo discurso.

Segundo Amossy (2005), a noção de *ethos* (imagens de si) também pode ser encontrada nos estudos de Erving Goffman por meio do conceito de face, no qual o monitoramento das imagens dos parceiros da interação verbal é destacado. É para essa mesma compreensão que aponta a redefinição feita por de Kerbrat-Orecchioni (1989, apud AMOSSY, 2005) a respeito da noção goffmaniana de face como “o conjunto das imagens valorizantes que, durante a interação, tentamos construir de nós mesmos e impor aos outros” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1989 apud AMOSSY, 2005, p. 13).

Como se percebe, o conceito de face diz respeito à relação de imagens que os interactantes negociam entre si em dadas condições sociais, portanto, diz respeito ao *ethos*.

Conforme Eggs (2005), há vestígios da noção de *ethos* também na *condição de sinceridade* de Searle¹ e nas máximas conversacionais de Grice². Entretanto, é, segundo Amossy (2005), na pragmática semântica de Ducrot, que, pela primeira vez, o termo *ethos* aparece. Ele situa o *ethos*, em sua teoria polifônica da enunciação, relacionando-o ao locutor enquanto ser do discurso em oposição ao ser empírico.

¹ Quanto à *condição de sinceridade*, para Eggs (2005), Searle atrela a realização do ato ilocutório de promessa à intenção do locutor, o que Eggs considera desnecessário, pois, mesmo se o locutor tiver a intenção de mentir, a promessa não sincera passará por verdadeira.

² Grice, de acordo com Cunha (1991), estabelece, a partir do princípio da cooperação, quatro máximas conversacionais: as máximas de *quantidade* (*informar tudo o que é requerido*), *qualidade* (*não afirmar o que é falso ou sem provas*), *de relação* (*ser relevante*) e *de modalidade* (*ser claro, breve e metódico*).

Não se trata das afirmações auto-elogiosas que ele pode fazer sobre sua própria pessoa no conteúdo de seu discurso, afirmações que podem ao contrário, chocar o ouvinte, mas da aparência que lhe conferem a fluência, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, os argumentos [...]. Na minha terminologia, direi que o *ethos* está ligado a L, o locutor enquanto tal: é enquanto fonte da enunciação que ele se vê dotado de certos caracteres que, por contraponto, tornam esta enunciação aceitável ou desagradável (DUCROT, 1987, p. 189).

Ao estabelecer a distinção entre o locutor-L, o enunciador, e o locutor-*’*, o locutor enquanto ser do mundo, e ao relacionar o *ethos* ao enunciador, Ducrot (1987) atribui ao *ethos* o estatuto do que é próprio da enunciação e não ao que é próprio da esfera da realidade do locutor.

Para Maingueneau (2006), essa distinção recobre à dos pragmáticos entre mostrar e dizer. Assim, o *ethos* se mostra na enunciação, permanecendo em seu segundo plano. Não é essencialmente dito.

3.3 A CONCEPÇÃO DE *ETHOS* PARA DOMINIQUE MAINGUENEAU

A concepção de *ethos* defendida por Dominique Maingueneau (2005b) é diferente da que interpreta o *ethos* como o caráter que o orador mostra em seu discurso para o convencimento. Aliás, ele procura analisar a manifestação do *ethos* em textos que não se inscrevem no contexto argumentativo propriamente dito, pois acredita que qualquer texto, oral ou escrito, possui uma vocalidade específica, que permite relacioná-lo a uma fonte enunciativa, por meio de um tom que indica quem o disse.

Maingueneau (2005b, p. 75) defende o *ethos* não como reduzido a uma estratégia de persuasão: “ele é parte constitutiva da cena de enunciação, com o mesmo estatuto que o vocabulário ou os modos de difusão que o enunciado implica por seu modo de existência”. O *ethos*, então, se desdobra no registro do mostrado e, eventualmente,

no do “dito”. Sua eficácia decorre do fato de que envolve, de alguma forma, a enunciação sem ser explicitado no enunciado.

O autor também postula o caráter e a corporalidade atribuídos a um fiador. “O ‘caráter’ corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à ‘corporalidade’, ela está associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e mover-se no espaço social” (MAINGUENEAU, 2005b, p. 72).

O autor apresenta a cena de enunciação subdividida em três tipos de cenas: a cena englobante que corresponde ao tipo de discurso conferindo-lhe seu estatuto pragmático: literário, religioso. A cena genérica é a do contrato associado a um gênero, a uma instituição discursiva: o editorial, o sermão. Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, é constituída pelo próprio texto. Um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética etc. (MAINGUENEAU, 2005b).

Cumprir dizer, ainda, que há o *ethos* pré-discursivo ou prévio, que é a imagem que o auditório tem do orador no momento em que este toma a palavra. Tal imagem pode ser ratificada ou sofrer alterações durante o discurso.

Pelo elucidado até aqui, nesta parte teórica, percebe-se que, em Aristóteles, temos a concepção de um *ethos* mais ligado à construção de uma imagem de si pelo orador, para fins de convencer o seu auditório. Entretanto, Dominique Maingueneau tem uma concepção diferente de *ethos* que o vê não apenas como elemento estratégico no discurso, mas também como parte integrante da cena enunciativa. Em outras palavras, o *ethos* se mostra, consciente ou inconscientemente, porque, para além de ser peça argumentativa de um determinado discurso, corresponde a uma configuração sócio-histórica mais ampla.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 BREVE HISTÓRICO DA CORRENTE PRESBITERIANA

Inicialmente, partindo do pressuposto de que o pregador e seu sermão estão diretamente ligados a um espaço institucional, uma das relações essenciais a ser estudada é a relação entre *ethos* e instituição discursiva. Para isso, considerar-se-á a corrente teológico-discursiva a que o pregador está vinculado, a saber, a Igreja Presbiteriana do Brasil.

A Igreja Presbiteriana do Brasil é uma das igrejas evangélicas há mais tempo em solo brasileiro. É considerada como reformada, isto é, uma igreja que advoga ter sua origem na Reforma Protestante e defende os princípios e doutrinas da Reforma. Tem como doutrina central a predestinação (doutrina que afirma estarem as pessoas de antemão destinadas ao céu ou ao inferno). Esse ensino também é conhecido como calvinismo por ter suas bases na pessoa do reformador João Calvino³.

As doutrinas da igreja presbiteriana podem ser resumidas nas cinco máximas dos reformadores:

Sola Scriptura (só a Escritura). A base da doutrina, forma de governo, culto e práticas eclesiais não está no tradicionalismo, no

³ João Calvino (Jean Cauvin) foi um teólogo cristão francês e um dos principais líderes da Reforma Protestante. Nasceu em Noyon, em 10 de Julho de 1509 e morreu em Genebra, em 27 de Maio de 1564. Calvino fundou o Calvinismo, uma forma de Protestantismo, durante a Reforma Protestante. Calvino foi inicialmente um humanista. Nunca foi ordenado sacerdote. Depois do seu afastamento da Igreja católica, este intelectual começou a ser visto, gradualmente, como a voz do movimento protestante, orando em igrejas e acabando por ser reconhecido por muitos como “padre”. Vítima das perseguições aos protestantes na França, fugiu para Genebra em 1536, onde faleceu em 1564. Genebra tornou-se definitivamente num centro do protestantismo Europeu e João Calvino permanece até hoje uma figura central da história da cidade e da Suíça.

racionalismo, no subjetivismo ou no pragmatismo, mas na doutrina reformada acerca das Escrituras.

Solo Christi (só Cristo). Apregoam não ter nenhum outro mediador pelo qual o homem seja reconciliado com Deus, a não ser Cristo, a segunda pessoa da Trindade.

Sola Gratia (só a graça). A crença de que a salvação do homem não decorre de nenhum tipo de boas obras que venha a realizar, mas sim do favor imerecido de Deus.

Sola Fide (só a fé). Enfatizam que o meio pelo qual a ação regeneradora do Espírito Santo é aplicada ao coração humano é somente a fé. Nenhum homem pode ser salvo, a não ser que creia na eficácia da obra de Cristo.

Soli Deo Gloria (só a Deus glória). Crêem em um Deus absolutamente soberano, Senhor da História e do Universo e que na obra da salvação toda a glória pertence a ele. Deus não existe para satisfazer as necessidades do homem. O homem é que foi criado para o louvor da glória de Deus.

4.2 O ETHOS PRÉVIO DO PREGADOR

A veiculação de imagens nos sermões é precedida por algumas imagens que já foram veiculadas previamente, denominadas nessa pesquisa de *ethos prévio*. Ao *ethos prévio*, o público tem acesso antes de o pregador começar a proferir o sermão e pode, por meio dele, ter expectativas a respeito de quem irá pregar e também do modo como o fará. A seguir, são mostradas algumas informações acerca do Reverendo Anglada por meio das quais se pode perceber a veiculação de imagens prévias. As informações foram retiradas da contracapa do livro *Introdução à Hermenêutica Reformada, correntes históricas, princípios e métodos lingüísticos*, de autoria de Anglada (2006).

Assim, tem-se que ele é pastor da Igreja Presbiteriana Central do Pará há vários anos, professor titular de Grego e Hermenêutica na Faculdade Teológica Batista Equatorial em Belém, professor e

coordenador Departamento Exegético do IRTC - International Reformed Theological College, presidente da ARPAV - Associação Reformada Palavra da Verdade e membro do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil. Quanto à sua formação teológica, consta que cursou bacharelado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Norte (Recife, 1982), mestrado em Teologia pela Pochesfstroom University for Christian Higher Education (África do Sul, 1987) e doutorado em Teologia pelo Westminster Theological Seminary in Califórnia (EUA, 2003). Algumas de suas obras são: *As Antigas Doutrinas da Graça* (1996), *Sola Scriptura: A Doutrina Reformada das Escrituras* (1998), *O Princípio Regulador do Culto* (1998) e *Introdução à Pregação Reformada: Uma Investigação Histórica Sobre o Modelo Bíblico-Reformado de Pregação* (2005), obra em que aponta para o declínio da pregação atual e defende o modelo de pregação expositiva.

Com base nessas informações, pode-se atribuir ao Reverendo Anglada algumas imagens prévias. A primeira é de alguém quem se dá a conhecer ao público como um pastor integrado ao seu grupo religioso, a corrente presbiteriana. Ele é um dos líderes dessa Igreja no Brasil. A segunda é a imagem de pessoa autorizada para ensinar em sua comunidade eclesial. A divulgação de suas funções e de sua formação privilegiada na área de Teologia sugere isso. A terceira imagem diz respeito às suas obras publicadas, que incluem vários livros e centenas de sermões em formato de CDs para se ouvir em casa, carro ou assistir com auxílio do programa de computador *RealPlayer*. Veicula-se, assim, a imagem de alguém que é interessado em tornar públicas as suas convicções.

4.3 O ETHOS NO SERMÃO “INTRODUÇÃO À CARTA”

Os excertos analisados a seguir fazem parte do sermão “Introdução à carta”, proferido pelo Reverendo Paulo Anglada e publicado em formato de CD pela Knox Publicações. No sermão, percebe-se a combinação de imagens de si que o referido pregador engendra para a construção do seu *ethos*.

4.4 A DEPREENSÃO DAS IMAGENS

O processo de depreensão das imagens leva em conta o dito e o mostrado, bem como alguns esteriótipos socialmente construídos.

4.4.1 Imagem de expositor

Os dois excertos a seguir são partes da introdução do sermão em que o pregador ressalta a exposição bíblica.

((Trajando uma camisa clara de mangas compridas, falando pausadamente e sem nenhuma outra figura, a não ser a sua e de uma parede em um tom opaco atrás de si, o revendo Anglada começa a proferir o sermão)) meus irmãos e irmãs por... cerca de... seis meses... nós... estivemos estudando aos domingos à noite...a carta... que o apóstolo Paulo... escreveu... aos Colossenses e se/ cuja a **exposição** encerramos no domingo passado...mais precisamente no dia quatro de...agosto do ano passado eu comecei a **expor** a carta à igreja de Colossos com algumas interrupções especialmente no mês de dezembro em virtude do final do ano... e... com a graça de Deus pudemos concluir esta **exposição** na semana passada... e hoje nós/ eu estou começando uma **nova série de exposições bíblicas** de pregações nesta carta que o apóstolo Paulo escreveu... à...igreja de...Éfeso...

(...) é bom ressaltar irmãos... que:: durante a história da igreja... aqueles que têm se dedicado a estudar a investigar e a **expor** esta/ a Bíblia a palavra de Deus têm chegado à conclusão que esta carta é um dos escritos mais importantes da Bíblia...

Nos trechos acima, e em muitos outros no sermão, o pregador aponta para a exposição como elemento central em sua pregação. Aliás, o termo pregação não é o mais usado, embora não seja descartado. A ênfase, portanto, repousa na proposta de ensinar o texto bíblico por meio de uma exposição. Pregador o texto, só é coerente se houver exposição.

Logo no início do primeiro sermão da série de 50 sermões, o pregador faz referência à outra série de sermões usando a expressão *exposição*. Perceba-se o efeito de sentido que é provocado. Ele, em tese, poderia começar a expor o texto sem chamar atenção para o fato de que vai expor, contudo, ele tanto informa o término de uma série de *exposições* quanto o começo de outra para ressaltar que o empenho e esforço são pela *exposição* bíblica. Parece existir, portanto, uma dimensão meta-enunciativa constitutiva do gênero pregação tal como ele se recontextualiza no espaço discursivo da Igreja Presbiteriana: não basta expor sobre um tema, mas voltar-se para a própria prática de linguagem materializada no sermão, atribuindo a ela um sentido particular. Em outros termos, não basta *dizer*, é preciso que o dito seja constituído em objeto de que *se diz*, de que se fala.

Essa idéia da não-adulteração das escrituras indica o que a corrente reformada entende por *expor* ou *exposição*. O objeto a ser exposto, no caso o texto bíblico, já é completo, perfeito. A tarefa do pregador seria, portanto, *mostrá-lo*, o que implica a pressuposição de um lugar para o auditório: o acesso à verdade bíblica é necessariamente *mediado*, ocupando o auditório o pólo a ser *esclarecido* por meio da exposição. Com isto, ao projetar a imagem de expositor, o Reverendo está reafirmando as suas convicções e as de seu grupo institucional a respeito da forma da pregação.

4.4.1.1 Imagem de professor

A seqüência dos textos também faz parte da introdução e aponta para o tom didático do sermão.

(...) meus irmãos e irmãs por... cerca de... seis meses... nós... estivemos estudando aos domingos à noite... a carta... que o apóstolo Paulo... escreveu... aos Colossenses e se/ cuja a exposição encerramos no domingo passado... mais precisamente no dia quatro de... agosto do ano passado eu comecei a expor a carta à igreja de Colossos com algumas interrupções especialmente no mês de dezembro em virtude do final do ano... e... com a graça de Deus pudemos concluir

esta exposição na semana passada... e hoje nós eu estou começando uma nova série de exposições bíblicas de pregações nesta carta que o apóstolo Paulo escreveu... à... igreja de... Éfeso

(...) Ásia Menor... além disso irmãos muitos dos assuntos muitos dos temas tratados na carta aos Colossenses também são tratados pelo apóstolo Paulo nesta carta que nós estamos começando a estudar hoje endereçada à igreja de Éfeso... (grifo do autor)

Nesses primeiros trechos, percebe-se como marca desse tom professoral as retomadas feitas pelo pregador com o objetivo de situar o seu público quanto ao que estava fazendo nos domingos anteriores e quanto ao que irá fazer no domingo em que está proferindo o sermão e nos domingos seguintes.

Os dois excertos a seguir revelam o pregador consultando as suas anotações.

(...) Ásia Menor... além disso irmãos muitos dos assuntos muitos dos temas tratados na carta aos Colossenses também são tratados pelo apóstolo Paulo nesta carta que nós estamos começando a estudar hoje endereçada à igreja de Éfeso... ((faz uma pausa maior e volta o seu olhar para o púlpito como quem lê as anotações feitas)) a verda/ na verdade uma semelhança inclusive no que diz respeito ao tema essencial ao grande tema das duas cartas...

((inclina a cabeça e lê por alguns segundos as suas notas novamente)) também quero... ainda a título de... dessa exposição inicial... (grifo do autor)

Outra marca do professor, evidenciada nos trechos acima, é o fato de o pregador recorrer às suas anotações com freqüência. Essa valorização do conteúdo previamente estudado faz parte da prática do professor. Ele não prega de maneira improvisada, ele planejou o que falar, fez anotações e faz uso delas.

Na seqüência, o pregador aciona os ouvintes para o uso/leitura do texto bíblico.

(...) especialmente no capítulo dezenove eu queria convidar os irmãos a abrirem a Bíblia no capítulo dezenove do livro de Atos... nós encontramos ali o contexto bíblico...histórico que nos permite entender que vai nos permitir entender melhor a carta aos efésios...

(...) Jesus o último versículo vejam só no capítulo primeiro que lemos vê/vamos ler o vinte e dois e o vinte e três a gente entende melhor “então pôs todas as coisas debaixo dos seus pés de Cristo para ser o cabeça sobre todas as coisas o deu a igreja... (grifo do autor)

Percebe-se nos trechos acima, mais uma postura de quem ensina: a prática de solicitar ao aluno que confirme, no texto, a informação dada. Algumas vezes, o pregador solicita que seu público acompanhe o sermão-aula, fazendo a leitura no seu livro-texto que é a Bíblia.

Nos trechos seguintes, o tom didático é explicitado.

((inclina a cabeça e lê por alguns segundos as suas notas novamente)) também quero... ainda a título de... dessa exposição inicial para familiarizar os irmãos com a carta e assim a partir da semana que vem poderemos extrair lições específicas de cada uma/ de cada é...passagem... mencionar para os irmãos alguma coisa acerca os propósitos que motivaram o apóstolo Paulo a escrever esta carta à igreja de Éfeso

(...) se Deus nos der condições irmãos nós estaremos aqui nos próximos meses como temos feito com tantas outras/ outros livros bíblicos tantas outras cartas que encontramos aqui na palavra do senhor estudando... juntos essas maravilhas que nós encontramos aqui na carta aos efésios a lição que eu gostaria de extrair para os irmãos hoje à noite apenas assim em títu/ a título bem... é:: geral é no sentido de que/ é sugerindo que na verdade

muitas das dificuldades que a igreja experimenta hoje... muita da/ muitas da miséria da igreja... muito da fraqueza da igreja uma das razões principais talvez pelas quai/ pela qual a igreja de Cristo não é nesse mundo aquilo que ela deveria ser não manifesta pujança não manifesta não manifesta vigor não manifesta firmeza não manifesta gozo... alegria maior é porque nós nos concentramos demasiadamente em nós mesmos.

(...) e assim apreciando melhor a glória da obra da redenção do plano da redenção a natureza tão graciosa e gloriosa das bênçãos que nós desfrutamos como igreja de Cristo Jesus nessa vida o propósito glorioso que está destinado à igreja... então irmãos nós deixamos de ser pobres cretinhos e então tomamos consciência dos privilégios que temos da posição que temos da glória que nos é concedida em Cristo e aí então como membros dessa igreja gloriosa podemos dar um testemunho bem mais firme enquanto nós estamos aqui peregrinando no deserto desta vida (grifo do autor)

Em todos os trechos acima citados, encontra-se uma das principais características do professor: ensinar lições. O Reverendo projeta uma imagem de quem tem como objetivo ensinar e, como parte desse processo, ele assume para si o papel de pensar, antecipadamente, em como tornar claro aos seus ouvintes o conteúdo estudado.

Constrói-se, assim, a imagem de um pregador-professor, de quem prega no templo da igreja como quem está na sala de aula, com voz firme, porém serena, sem as entonações típicas de um sermão em tom profético, por exemplo. Com a imagem de professor, o pregador ratifica a sua posição enunciativa e estabelece o lugar do outros parceiros da enunciação. Ele é quem ensina, ao auditório cabe aprender.

4.4.1.2 Imagem de estudioso

O trecho a seguir é representativo do momento em que o pregador fornece dados do contexto da cidade de Éfeso ao público.

(...) **mas algumas informações são importantes para nós compreendermos melhor esta carta informações por exemplo acerca da cidade de Éfeso** aonde essa igreja se/ é...para quem o apóstolo Paulo escreveu esta carta se encontrava eu já fiz referência aos irmãos que a igreja de Éfeso era a cidade mais/ a cidade de Éfeso era a cidade mais importante daquela região da Ásia menor conhecida então como Província da Ásia sob o domínio do império romano e a cidade de Éfeso era amplamente conhecida da/na época no mundo antigo especialmente por dois fatos por duas características... uma delas é porque ali ficava localizado o famoso templo consagrado a deusa Diana dos efésios era um templo suntuoso um templo magnífico considerado como sendo uma das grandes sete maravilhas do mundo antigo... e a cidade de Éfeso tornou-se...bastante conhecida exatamente por essa sua relação por sediar ali esse templo dedicado à grande deusa Diana dos efésios... a outra... razão... que fez com que Éfeso se tornasse bastante conhecida na época era porque a cidade se tornou num grande centro de produção de:: artefatos...miniaturas...da/ do templo da deusa Diana... (grifo do autor)

No trecho acima, o orador, embora não diga que é estudioso, mostra isso através de várias informações por ele dadas que exigem pesquisa prévia. Tem-se, aqui, o *ethos* mostrado de alguém que privilegia o estudo para poder ensinar, expor o texto.

Pode-se perceber uma preocupação com a informatividade e, por que não dizer, com a própria cientificidade. O Reverendo apresenta-se como quem cerca o seu objeto de estudo de condições que favoreçam a sua análise para, só então, prosseguir para uma 'apuração precisa'. Essa atitude, diríamos cientificista, parece produzir a ilusão da objetividade no trato do texto bíblico. Por meio do discurso cientificista, o pregador diz aos seus ouvintes que eles estão diante do objeto de estudo sem adulterações.

Também, ao demonstrar tanto conhecimento e habilidade em expor o texto, o Reverendo diferencia-se do grande público. Há, de maneira muito sutil, a projeção de uma imagem que é necessária ao ofício do professor, a imagem do conhecedor, daquele que tem autoridade para ensinar porque detém saberes que os outros não têm. Assim, ao mesmo tempo, ele defende o modo adequado de se abordar o texto e o tipo de pessoa legitimada para fazê-lo.

4.4.4 Imagem de piedoso

Os seguintes excertos fazem parte da conclusão do sermão, instante em que o pregador reforça o tom piedoso.

(...) **a lição que eu gostaria de extrair para os irmãos hoje à noite apenas assim em títu/ a título bem... é:: geral é no sentido de que/ é sugerindo que na verdade muitas das dificuldades que a igreja experimenta hoje... ((o pregador fala com voz firme, porém suave, sem gritos. Ele gesticula com seus braços de maneira moderada))** muita da/ muitas da miséria da igreja... muito da fraqueza da igreja uma das razões principais talvez pelas quai/ pela qual a igreja de Cristo não é nesse mundo aquilo que ela deveria ser não manifesta pujança não manifesta não manifesta vigor não manifesta firmeza não manifesta gozo... **alegria maior é porque nós nos concentramos demasiadamente em nós mesmos...nós nos concentramos demasiadamente em satisfazer a nossas próprias necessidades... nós concentramos a/a nossa atenção na nossa própria pessoa nas nossas próprias/ no nosso próprio desejo na nossa própria vontade nas nossas próprias necessidades nos con/ acabamos nos concentrando demasiadamente em nós e quando isso acontece **passamos a ser igreja ...((sua expressão facial é serena))****

(...) aplicar melhor os estudos específicos à exposição específica que **eu estarei com a graça de Deus** começando no domingo que vem mas algumas informações são importantes... (grifo do autor)

A imagem de piedoso é apenas mostrada (não dita) por meio de aspectos que vão desde o tom com que o orador se pronuncia até as escolhas lexicais feitas por ele. O *ethos* de piedade constrói-se na medida em que um certo tom de sinceridade, pureza de espírito e crença absoluta são transmitidos pela pessoa do pregador, através da própria entonação e gestualidade, ambas firmes, porém moderadas. Ele não fala como quem está distante do que está falando.

O Reverendo também projeta a imagem de piedoso através de escolhas como, “a graça de nosso senhor” e “é porque nós nos concentramos demasiadamente em nós mesmos... nós nos concentramos demasiadamente em satisfazer a nossas próprias necessidades... nós concentramos a nossa atenção na nossa própria pessoa na nossas próprias/ no nosso próprio desejo na nossa própria vontade nas nossas próprias necessidades...”. As primeiras expressões, quando ele fala de *extrair lições* para os irmãos ou fala da *graça de nosso senhor*, podem parecer corriqueiras se pensarmos no contexto religioso, porém, são termos que remetem a alguém que comunga com o seu próximo a ponto de não chamá-los de senhores ou de vocês, e que demonstra fé em um senhor comum. As últimas escolhas confirmam esta imagem de piedade, uma vez que o pregador aponta o problema da igreja utilizando o que chamo de a estratégia da confissão coletiva. Ele se inclui no rol dos que satisfazem os seus desejos com o uso dos pronomes “nós”, “nossa”, “nossas”, “nosso”, e atrela a este fato a fraqueza da igreja. Como homem piedoso, ele aplica a mensagem ao seu viver num tom de confissão de culpa.

Se, por um lado, o pregador distancia-se do público comum com a imagem de estudioso, de alguém que tem um preparo adequado e diferenciado para assumir a posição de ensinar, por outro, ele se aproxima desse mesmo público quando veicula a imagem de próximo do auditório ao se identificar com as mesmas paixões sofridas pelo público. Há, no nível discursivo, a tentativa de se aproximar dos seus interlocutores, de seus irmãos. Com o uso do *nós*, ele veicula a imagem de quem é semelhante ao auditório quanto à visão limitada das coisas de Deus.

Considerando que o objeto de exposição é, para ele e sua comunidade, sagrado, a piedade passa a ser uma exigência para quem deseja expor a Bíblia. É a piedade que confere ao pregador a autoridade para ser o arauto, o porta-voz daquilo que é divino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando por base os pressupostos teóricos explicitados anteriormente e a análise realizada, chegou-se às seguintes conclusões:

Os *ethos* pré-discursivo, discursivo e institucional estão harmoniosamente ligados. Tal constatação atesta o pressuposto teórico de que o discurso é regido, em todos os seus planos, pelo mesmo sistema de restrições semânticas. Assim como na ampla rede de relações que compõe o discurso é possível perceber um fio condutor de sentido, da mesma forma, foi possível perceber, por meio do *ethos* discursivo, a reiteração dos *ethos* pré-discursivo e institucional.

O *ethos* é forjado em meio a uma confluência de relações. A construção do *ethos* se dá em meio a relações sócio-históricas e ideológicas. Isso se percebe, principalmente, ao analisar a relação entre o que a igreja acredita a respeito da Bíblia e as imagens encontradas no sermão. O resultado mostra que o conteúdo do sermão bem como uma das imagens que perpassa todo o sermão, a de expositor, parece ser uma resposta ao suposto declínio da pregação. Assim, o pastor estaria reafirmando a crença (dele e do grupo reformado a que pertence) de que a pregação está em declínio, ao mesmo tempo em que faz uma apologia ao método expositivo de pregação. Pode-se, então, compreender o que Maingueneau (2005) afirma quando defende o *ethos* não como reduzido a uma estratégia de persuasão, mas como parte constitutiva da cena de enunciação.

O *ethos* do pregador articula-se com discurso constituinte. Por fim, é possível perceber um *ethos* que se harmoniza com esse discurso constituinte. As imagens projetadas no sermão

intitulado *Introdução à Carta* corroboram um *ethos* de quem está habilitado a lidar com o religioso.

O *ethos* do pregador confirma o conteúdo do sermão que, em última instância, parece demonstrar que este método expositivo de pregar é o meio legítimo de se ouvir a voz de Deus e que a pessoa do Reverendo (ao mesmo tempo piedosa e estudiosa) está autorizada a ensinar o objeto pretendido, a verdadeira voz de Deus.

Eis algumas considerações mais pontuais acerca do sermão analisado:

A cenografia aponta para o didático, professoral. Nesse estudo, do geral para o particular, tem-se a cena englobante, o discurso constituinte religioso; a cena genérica, o gênero do discurso sermão e a cenografia, construída pelo próprio texto. A cenografia do sermão, portanto, é a professoral, de um sermão-aula. Por meio do dito e do não dito, capta-se o forte objetivo de se ensinar um objeto, tendo como método a sua exposição detalhada.

O *ethos* do pregador é formado a partir de combinações de imagens de si. Evidenciou-se no sermão a construção de imagens por meio do dito, como a de expositor e a de professor, e através do não-dito, isto é, do mostrado, como é o caso das de estudioso e piedoso. Nessa direção, contribuem para a construção das imagens de si no *corpus* tanto elementos lexicais, como palavras ou expressões, quanto elementos não lexicais, como a entonação e a gestualidade.

As imagens de professor, estudioso e piedoso estão subordinadas à imagem de expositor. O *ethos* de expositor é construído e sedimentado através das outras imagens projetadas no sermão. A partir dessa análise, pode-se pensar nas imagens de professor (aquele que procura ensinar o objeto de estudo), de estudioso (aquele que se prepara e se esmera em oferecer informações minuciosas do objeto de estudo) e de piedoso (aquele que é irmão e confessa sua fraqueza juntamente) como necessárias ao caráter mais geral do expositor, de quem expõe a Bíblia, seu objeto de estudo, de maneira didática.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso, a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 9-28.
- ANGLADA, P. R. Batista. *Introdução à pregação reformada: uma investigação histórica sobre o modelo bíblico-reformado de pregação*. Ananindeua: KNOX PUBLICAÇÕES, 2005.
- ANGLADA, P. R. *Introdução à hermenêutica reformada: correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos lingüísticos*. Ananindeua: KNOX PUBLICAÇÕES, 2006.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M.. *Estética da criação verbal*. São Paulo: M. Fontes, 2003, p. 261-306.
- BENVENISTE, É. *Problemas de lingüística I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.
- BENVENISTE, É. *Problemas de lingüística II*. Trad. Eduardo Guimarães et al. São Paulo: Pontes, 1989.
- CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. Coord. de Trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- COSTA, N. B. (org.). *Práticas discursivas, exercícios analíticos*. Campinas: Pontes, 2005.
- CUNHA, J. C. *Pragmática lingüística e didática das línguas*. Belém: Ed. Universitária UFPA, 1991.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- EGGS, E. *Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna*. In: AMOSSY, R. (org.) *Imagens de si no discurso, a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 29-44.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes. 1989.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005a.
- MAINGUENEAU, D. *Ethos, cenografia e incorporação*. In: AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso. A construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005b, p. 69-90.

- MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. Trad. Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva *et al.* Curitiba: Criar Edições, 2006.
- MONNERAT, R. S. M. Processos de intensificação no discurso publicitário e a construção do *ethos*. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. *Texto e discurso: mídia, literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 97-131.
- MUSSALIM, F. Análise do discurso. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à lingüística, domínios e fronteiras*, v. 2, 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 101-142.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.